

STARCRRAFT®

LEGACY OF THE VOID™



BILZARD
ENTERTAINMENT

JIM RAYNOR: DELEGADO CONFEDERADO

A Encruzilhada da Perdição

De James Waugh

Para Jim Raynor, poucas coisas eram mais odiosas no Setor Koprulu do que a Encruzilhada da Perdição. Mas sentimentos pessoais não podiam interferir nos deveres de um delegado confederado. Assim, mais uma vez partiu para o trecho de deserto infernal nos ermos desolados infames de Mar Sara.

O vento soprava alto enquanto Raynor avançava em seu Abutre, atravessando a ravina desolada a toda velocidade. Liddy, sua mulher, estava grávida, e ele tinha prometido que voltaria para casa em dois dias. O ar estava quente e seco. Uma eternidade havia se passado sem nem uma gota de umidade, e o chão do deserto rachara com o calor do sol. A humanidade não era feita para sobreviver em ambientes assim, pensou, embora isso nunca o tivesse impedido de tentar.

Ao longe, ele viu silhuetas distorcidas, como uma miragem perversa: era o xerife Glenn McAaron, ao lado de um camburão da polícia e um cubo-prisão de tamanho médio — o item que ele estava indo coletar. As sombras disformes ondulavam ao sol forte do meio-dia.

— Praga — murmurou Jim. As silhuetas foram ficando mais nítidas, como a lembrança de seu beijo de despedida em Liddy. A Encruzilhada da Perdição ficava no centro das infames "anomalias de banda" de Mar Sara, o que significava que os dispositivos de balanceamento de vetor às vezes não funcionavam e a comunicação era limitada e cheia de ruído, isso quando chegava a funcionar. Assim, usar módulos de transporte no deserto era uma operação arriscada, e a situação ainda era piorada pelo fato de as anomalias transformarem os 2.400 quilômetros de deserto em uma das regiões com presença policial mais deficiente do planeta — talvez até da galáxia. Os foras da lei e as gangues de Mar Sara sabiam disso. O pessoal técnico da Divisão de Ciências da Confederação acreditava que as anomalias de banda eram causadas pelos pulsos de elétrons emitidos pelas raras formações cristalinas que brotavam das profundezas. Seja lá qual fosse a causa, Jim agora precisava atravessar a área mais perigosa do setor para se encontrar com um xerife que detestava para transportar prisioneiros de um lado do planeta a outro.

— Cê veio pegar o cubo ou entrar nele, delegado? — McAaron deu um sorriso desdentado repugnante enquanto Raynor parava o Abutre. Era um sorriso irônico, sem nenhum humor verdadeiro por trás.

— Cê vai me dar algum motivo pra quebrar a lei? — Raynor cuspiu no chão poeirento. McAaron tinha relaxado ao longo dos anos; da última vez que tinham se visto, a barriga do xerife não assomava sobre a fivela do cinto. A cada encontro, ela parecia maior. O xerife estava se preparando para a vida fácil de aposentado que se aproximava.

— Eu tô falando sério, rapaz. Eu já vi a sua folha corrida, e ela é maior que a de muito meliante que eu já prendi. É porque cê tem as costas quentes, senão era bem capaz de ser você com passagem para El Indio hoje.

— Que que é isso, xerife? E a sua fé na humanidade? — Jim abriu seu sorriso mais carismático e desceu da moto. McAaron já usava o distintivo fazia muito tempo e sabia do passado de Jim. Homens como o xerife eram turrões e não mudavam com o tempo. Sua postura diante de criminosos não era nada pessoal; era só questão de hábito.

— Hah! As pessoas não mudam, delegado. Se você durar como delegado, cê vai ver. É por isso que eu fico de olho em você.

— 'gradecido, xerife. — Jim fez uma pausa e continuou: — E esses meninos aqui?

Ele se ajoelhou e olhou por entre as pequenas barras eletrificadas. Os cubos-prisão da Confederação eram comuns nas colônias da fronteira e planetas distantes, onde saía muito caro usar módulos de transporte policiais e outras amenidades de mundos mais sofisticados. Os cubos têm eixos magnéticos, tecnologia antigravidade que os mantém estáveis a até 480 quilômetros por hora, ambiente de temperatura controlada, suporte para todas as necessidades biológicas e ar puro reciclado a cada 30 minutos. Jim achava que os criminosos tinham mais conforto do que ele.

— Ah, o de sempre, uma rapaziada bacana aí prontinha pra passar um tempo no melhor hotel de Mar Sara. — De repente, a voz do xerife subiu vários decibéis. — Cês ouviram, seus vermes? Cês vão tudo pra El Indio! — A risada que se seguiu explodiu numa tosse úmida e áspera. Também não havia humor ali; era um gesto cruel e insensível.

Jim não sorriu. A prisão El Indio não era um assunto divertido. Era, sim, uma penitenciária terrível, de poucos recursos e inclemente, que recebia apenas os piores criminosos. A taxa de sobrevivência dos prisioneiros que iam para El Indio era de 64%. A prisão era a expressão máxima da justiça confederada na fronteira.

— Olha só essa curriola — disse o xerife, cuspidando na areia. — E a gente ainda paga imposto pra sustentar esses fí du'a cancela bateadeira... Eu vou é rezar pra vocês ficarem pelo deserto mesmo.

— Dá pra ir logo com isso? — disse um dos criminosos, um homenzarrão monstruoso com bigodes negros, careca, de braços grossos feito postes de telecomunicação. Seu corpo estava coberto de tatuagens grotescas de todo o setor. Ele encarou Jim como se nada pudesse abalar sua autoconfiança — certamente não um delegado solitário, o menininho de recados que o levaria a um destino inevitável.

— Cuidado com aquele ali, que a mãe não deu educação pra ele. Marduke Saul, bicho bruto feito o cão. Condenado por agressão, assassinato, terrorismo, sequestro e por ser um traste

que não presta pra nada. — McAaron cuspiu de novo, dessa vez mirando o cubo, perto do rosto de Marduke.

Marduke grunhiu: — Sorte sua que eu tô aqui dentro, *xerife*.

— Apois num é.

Raynor olhou Marduke bem no olho. Marduke encarou de volta como se o desafiasse a tratá-lo com o mesmo desrespeito de McAaron. — Ora, xerife, ele não é isso tudo. O rapaz é gente fina, não é, Saul? Cê vai me tratar bem, eu vou te tratar bem, e vai ficar tuudo bem.

Marduke começou a rir alto. — Ô, eu sou um anjo, seu delegado. Eu não falei por mal, isso é só pressa de chegar no hotel logo.

— Seu delegado, por favor, não me leve pra El Indio. Por favor, senhor, é tudo um mal-entendido. — Um prisioneiro franzino surgiu do fundo do cubo. Ele tinha cabelos ruivos e uma expressão delicada. Seu macacão laranja era grande demais para o corpo franzino. Ele parecia deslocado no calor do deserto, de uniforme de prisão, um bancário que tivesse se afastado demais do setor financeiro de Tarsonis.

— Rodney Oseen. Crime do colarinho branco... Desviou dinheiro do governo de Mar Sara com vírus, essas coisa de ráqui. Todo faceiro, né? Esse aí não dura um dia em El Indio. — McAaron riu de novo.

— Salve, Rodney. — Raynor sorriu. — Cê vai ficar bem.

— Não vou não, seu delegado. O senhor sabe o que eles fazem em El Indio. Eu não matei ninguém. Foi tudo um grande mal-entendido, foi um juiz confederado que tem problema pessoal comigo. Eu não vou aguentar.

— Fez fama, agora deita na cama. Não é mesmo, Raynor? Ah, não, no seu caso cê não precisou deitar na cama, né?

— Delegado Jim Raynor, eu conheço o senhor de nome. — O terceiro prisioneiro se aproximou.

— T-Bone Smalls. O maior assaltante de trem daqui até Shiloh. Cês dois têm muita coisa em comum — zombou McAaron.

— É verdade. Eu roubei esse título do senhor, né, delegado? — continuou T-Bone. Raynor olhou para ele. Ele parecia familiar. Tinha uma barba parecida com a de Jim e uma cicatriz no rosto. Jovem e arrogante. — Eu sei tudo sobre os serviços que o senhor e Tychus Findlay fizeram depois da guerra. Vocês eram lenda vivas quando a gente tava começando.

Jim sentiu como se serpentes coleassem em sua barriga. Há anos ele não ouvia o nome de Tychus Findlay. Ele preferia assim. Dessa forma, era mais fácil começar de novo, sem pensar no velho parceiro e na vida que tentava abandonar — com a ajuda fundamental de Liddy — em busca de redenção.

— Mas eu não entendo uma coisa, com todo o respeito... Como é que um bandido que nem o senhor, com todo o respeito, assaltante de trem e tudo mais, acabou virando delegado? — T-Bone se aproximou das grades. Jim sentiu o olhar frio de Marduke processando aquela informação. O assassino o julgava.

— Ah, rapaz, o delegado aqui tem as costas quentes. — McAaron deu um sorrisinho para Jim.

— Tem um juiz amigo dele.

— Já chega dessa merda, McAaron. — Raynor se empertigou.

— Eu nunca nem matei ninguém, seu delegado. Só não gosto de trabalhar mesmo — continuou T-Bone. — Não é justo o senhor ter uma segunda chance e eu não.

— A vida não é justa. O delegado é só mais um exemplo disso — disse Marduke por fim, sem emoção. — Podemos ir?

Raynor encarou McAaron com dureza. — Se você fizer isso de novo não vai ter conversinha, não. Cê me entendeu?

O sangue de McAaron esfriou e seu sorriso sarcástico sumiu. Pela primeira vez desde que Raynor chegara, o xerife sentiu a gravidade da sua resposta, sentiu que ele estava a um passo de deixar o velho fora da lei aflorar. McAaron viu o fogo nos olhos de Raynor e, mais que depressa, começou a vasculhar sua capanga. De lá, ele tirou uma pulseira digital. — Isso aqui é

uma traquitana nova deles lá, pra controlar as tornozeleiras. Aperta aqui e *pei!*, explode a perna do bicho. Esse botão aqui dói tanto que eles caem no chão na mesma hora. Entendeu?

Raynor pegou o dispositivo. Dentro do cubo, ele podia ver os prisioneiros com pesados grilhões prendendo os calcanhares.

McAaron continuou. — Eu só não recomendo deixar eles saírem. Tem bastante água no cubo e eles receberam um implante de nutrientes que vai durar dois dias. E também regula as funções intestinais e urinárias. Esses desgramados sempre tentam correr ou lutar quando veem a prisão, então é melhor se prevenir.

— Eu já fiz isso antes. — Jim prendeu o longo cabo metálico do cubo-prisão na traseira do Abutre. Ele não ia mais gastar saliva. O cabo fora projetado para prender com segurança o cubo ao transporte. Era feito de uma liga fundida com elementos catalíticos mais duros que diamantes.

— Até mais ver, xerife. Se segura aí, rapaziada, que a estrada é dura. — Sem esperar resposta, Raynor acelerou e sumiu no deserto em direção aos ermos.

A cabeça de Jim estava a toda. Nuvens de pensamento passavam, lembranças de antigamente, quando ele e Tychus Findlay eram bandidos conhecidos, vivendo a vida da mão para a boca, roubando e gastando. Foi uma época de libertinagem embriagada, sem preocupações, agindo

por impulso sem nunca parar para pensar em nada. Aquele período quase matou Jim e, pior, quase matou sua crença de que viver valia a pena. Não esperava estar pensando naquilo, não agora com um bebê a caminho, quando pensava no futuro, em dar uma vida melhor do que a sua ao filho. Enquanto atravessava a ravina a 320 quilômetros por hora, perguntou-se se o filho iria descobrir um dia sobre seu passado. O que Jim diria a ele então? Será que poderia ensinar a diferença entre o certo e o errado quando tinha feito tantas coisas erradas, impossíveis de consertar?

"Fica ligado, Jim. Não é hora de ficar matutando essas coisas." A ameaça de bandidos era bem real na Encruzilhada da Perdição: havia saqueadores, piratas e outros facínoras casca-grossa que não se importavam com nada por toda a parte. Todos eles assassinos. A última coisa que queria era se ver cercado de bandidos por causa de uma distração. Liddy não ia ser uma mãe solteira só porque ele se perdera entre as lembranças e começara a duvidar de si mesmo. Praga, como ele odiava McAaron.

A tarde chegava ao fim, e os ermos desérticos tornaram-se uma mescla de cor, azuis fortes rasgados por fiapos de luz vermelha. A morte do dia era bela. O deserto ficava diferente então, como um cenário místico de sonho com um céu caleidoscópico e areia revoando em um enorme oceano negro. A vegetação ressequida sumia na noite que chegava, e o calor sufocante do dia dava lugar ao frio da noite.

Sem conseguir enxergar além da faixa luminosa dos faróis do Abutre, Raynor desacelerou e começou a procurar um local para acampar. Ele percorrera 1.600 quilômetros. Faltavam oitocentos.

— Por que paramos? — gritou Rodney, enquanto Raynor ia até a traseira da moto para pegar coisas da mala. — Não para não, delegado. O senhor sabe que tá cheio de bandido aqui.

— Calaboca — disse T-Bone. — O senhor só foi dar uma mijada, né, delegado?

— Não. Não agora, quer dizer. Nós vamos acampar aqui.

— Quê? — A voz de Rodney subiu várias oitavas.

— Mesmo com os sistemas de rastreamento e dados geográficos, não tem jeito de eu atravessar a ravina na escuridão. Nessa época do ano as anomalias ficam mais fortes. Vocês querem sair daqui vivos, né?

— Então, por isso mesmo: por que a gente parou? — Smalls aproximou o rosto das barras eletrificadas.

— Por que você está tão preocupado, afinal? — perguntou Jim, desempacotando o abrigo. Ele ativou uma luz infravermelha que iluminou seu rosto na escuridão.

— Feitores de escravos... bandidos... mas eu tenho medo mesmo é dos feitores. Prefiro ficar preso que ser vendido como escravo. — Rodney estava bem nervoso.

— Mais fácil eles nos encontrarem se a gente continuar. Você tem que se preocupar quando a gente estiver em movimento. A gente vai partir logo de manhã cedo.

— Tem mesmo feitores de escravos aqui? — Marduke rompeu seu silêncio.

— A gangue do Mazor — disse Smalls. — Ano passado, eles começaram a atacar viajantes aqui e a sequestrar cientistas que vêm estudar os minérios.

— Eu odeio feitores — disse Marduke, solene.

— Você já topou com algum? — Rodney perguntou Raynor.

— Não. Nem quero.

Depois que terminou de montar o acampamento, Raynor preparou sua comida e fez três porções extras. Os prisioneiros se aproximaram das barras e ficaram olhando para os pacotes.

— Comida pra caramba prum homem só, hein — reclamou Smalls.

— Não é pra mim. Estou tentando perder a barriga. Achei que vocês iam querer um pouco, essas injeções de nutrientes não enchem o buraco do estômago. Eu já experimentei no meu

tempo no exército. — Raynor levou os três pacotes ao compartimento de inserção do lado do cubo. A comida foi transportada em segurança até o outro lado. — Dividam direitinho isso aí. — Raynor mostrou o bracelete que McAaron lhe dera. — Essas tornozeleiras aí doem pra cacete.

— Tá olhando o quê? — perguntou Marduke.

— Cê parece que tá com fome por três, grandão.

Os prisioneiros pegaram as rações e as atacaram, comendo com os dedos a gororoba de carne de skalet com curry que devia ter sido desidratada sonicamente havia décadas. Raynor usou um garfo. Com Liddy cozinhando, ele se acostumara a não ter que comer comida industrializada. Mas os prisioneiros mandaram tudo para dentro como se fosse um prato gourmet.

— E aí, delegado, conta aí uma história de quando o senhor era fora da lei — disse Smalls ao terminar de comer.

— Ele acabou de dar comida pra gente — disse Rodney. — Deixa ele em paz.

— Cê não manda em mim, pescoço de grilo. — Smalls se virou para Rodney feito um relâmpago, e Raynor ergueu o braço, mostrando o bracelete.

— Não se preocupe, delegado. — A voz de Marduke era grave e gélida. — Se eles estragarem meu descanso da janta, o senhor não vai ter que fazer nada.

— Daí só vou ter que me preocupar com você, né?

— É isso aí.

— Você quer saber como foi na minha época de ladrão de trem? — perguntou Raynor. — Eu era um moleque burro sem alternativas. Me achava muito esperto e estava puto com o sistema, que tinha empobrecido e maltratado meus pais. Tinha me desiludido com uma guerra comprada, que era só um jogo pros ricos de Tarsonis ficarem mais ricos e pra gente que nem eu se arreentar. Homens bons morreram por nada. Eu era um rebelde, um vagabundo, sim. Mas nunca me orgulhei disso.

— Bom, eu me orgulho. Cacete, é melhor do que ser um mineiro confederado, se acabando de trabalhar pra não morrer de fome. — T-Bone sorriu. — Eu não quero nem saber desse papo de bom-moço. Eu dei mole, tava bêbado e me pegaram. Cê fica aí fingindo que não é que nem eu, delegado. Que cê não gostava, que cê é melhor que isso. Por mim, tudo bem. Mas a gente não precisa acreditar.

— E quanto a você? — perguntou Raynor, olhando para Rodney. — Como você veio parar aqui?

— Eu... fui ganancioso demais. Quer dizer, eu não sou como esses... ahm, eu fui ganancioso, foi isso. Quando eu comecei, não consegui mais parar. Os créditos batiam na minha conta, e, quando eu fui ver, só estava fazendo isso.

— E as pessoas que você roubou? — perguntou Raynor.

— E você? E as pessoas que se ferraram por *sua* causa, Raynor? Você tá aí do lado de fora todo certinho porque tem as costas quentes. O sistema não é justo. E é isso que cria gente ruim que nem eu. — Marduke se reclinou. — E gente de sorte que nem você.

Todos ficaram em silêncio. Então, depois de algum tempo, Raynor se levantou e entrou no abrigo para dormir.

Raynor acordou com uma cacofonia de gritos e saiu correndo do abrigo para o ar frio da manhã. No cubo, Marduke erguia T-Bone contra as barras eletrificadas. Elas estalavam, produzindo estática ao redor do corpo de T-Bone, sem ceder.

— Seu fi du'a égua, me põe no chão!

Raynor não hesitou e apertou o botão do bracelete. A tornozeleira de Marduke acendeu, produzindo um estímulo nervoso parecido com o de um dentista futucando um canal, só que no corpo inteiro. O brutamontes gritou e desabou. Smalls ficou por cima dele, juntando as mãos acima da cabeça para dar um golpe.

— Nem pense nisso! — O dedo de Raynor se aproximou do botão outra vez.

— Qual é, delegado, só uma porrada. — Escorria sangue pelo rosto de T-Bone.

— Pode esquecer — disse Raynor. Smalls afastou as mãos e recuou. — O que está acontecendo aqui?

— Ele fala demais e não sai nada que se aproveite. — Marduke sorriu para Raynor, parecendo satisfeito. — Eu não ia quebrar ele. Só ia dar um aperto pra ver se ele vira gente.

— Chega. Vou levantar acampamento, e estão esperando vocês no hotel.

Marduke soprou um beijo para T-Bone, o beijo mais sinistro já soprado. T-Bone sorriu, pois respeitava a coragem do companheiro de cela. Ele teria feito o mesmo se estivesse no lugar de Marduke. Rodney, por sua vez, se virou para Raynor e disse: — Viu só? Viu só, delegado, eu... eu não vou aguentar isso. Eu não sou que nem eles, por favor, não me leve pra El Indio!

Trinta minutos depois, estavam zunindo entre os cânions novamente. O calor havia voltado com tudo. Um calor seco, como milhares de dentes penetrando a carne e chegando até os ossos, sem trégua.

Eles entraram no Desfiladeiro do Julgamento, uma ravina funda em que drusas de minério do tamanho de montanhas brotavam do planalto. Raynor subiu por um dos pilares de minério, passando ao largo do abismo próximo. Chegando ao topo, avistou uma coluna de fumaça se dissipando no céu cerca de dezesseis quilômetros ao norte. Era algo incomum de se ver em uma área tão desolada. Jim parou a moto e pegou os binóculos.

A fumaça apareceu mais nítida e Jim deu zoom. Ele viu chamas de uma explosão próxima lambendo a lateral de um transporte. — Praga — murmurou, baixinho. Era bem a cara dele topar com algo assim pertinho de terminar a missão e voltar para casa, pro seu prato favorito, que Liddy preparara.

— Por que nós paramos, delegado? — perguntou Rodney.

— Tem um transporte avariado a cerca de 16 cliques daqui.

— E daí? — perguntou T-Bone.

— Então, nós vamos dar uma olhada nisso.

— Qual é, seu delegado, a diligência não é essa — continuou T-Bone. — A gente tem que chegar em El Indio ainda hoje.

— Não faça isso, delegado — implorou Rodney.

— Quietos. — Raynor ligou a moto e zarpou na direção do transporte.

Ao se aproximarem, a fumaça ficou mais densa, evoluindo-se em nuvens negras que cobriam de sombras os destroços do transporte. Chamas cercavam a carcaça, deixando-a negra de fuligem. Pedacos dos destroços estavam espalhados por toda a parte. A explosão devia ter sido causada por um lançador de foguetes que derrubara o veículo e o fizera se arrastar, arremessando

fragmentos por todo o chão arenoso. Raynor já vira destruição assim antes, na guerra. Ele conhecia o dano que um lançador de foguetes causava a um transporte em sua época de fora da lei. Lembrava que Tychus abrira um rombo em um carro-forte, derrubando-o de lado e quase matando todos dentro. Sentiu culpa novamente ao pensar nos guardas correndo para longe do veículo antes de virar cinzas, junto com os créditos que Tychus e ele estavam tentando roubar.

Raynor parou o Abutre. O cheiro de borracha derretida e produtos químicos queimou-lhe as narinas. Corpos com feridas de bala estavam espalhados pelo chão. O sangue empapava a areia. Deviam ser cientistas, a julgar pelos trajes térmicos. Pesquisa industrial era comum na Encruzilhada. Os minérios eram os mais ricos do setor, e, a despeito dos riscos, cientistas e mineiros de toda Mar Sara (e até de Chau) vinham minerar ali, contando com a sorte. Os grandes conglomerados de Tarsonis gastavam bastante para que seus cientistas arriscassem a vida e a integridade física testando a potência dos minérios da região, para levar de volta informações que permitissem sintetizá-los em laboratório. Havia um debate intenso sobre o motivo pelo qual justo aquela região produzir os minérios mais ricos. A primeira companhia que descobrisse seria soterrada por lucros.

Raynor percebeu movimentação à sua direita. Ele levou a mão lentamente até o coldre. Podia ver o topo da cabeça de alguém atrás de uma das drusas menores.

— Pode sair. Eu não quero encrenca. — Raynor desceu da moto e se agachou atrás dela, puxando a arma e esperando resposta. Depois de esperar algum tempo sem que ninguém respondesse, ele se ergueu lentamente.

— O que o senhor tá fazendo, delegado? Se abaixa! — gritou Rodney. Raynor devolveu a arma ao coldre.

— Eu não quero machucar você — gritou Raynor.

— Vá embora! — gritou uma voz de mulher. — Vá embora!

— Eu sou delegado, senhora. Pode sair.

— Delegado coisa nenhuma. Vá embora.

— Olha, eu tenho até distintivo. — Raynor ergueu os braços. — Eu não quero machucar você. O que aconteceu?

Uma mulher magra e assustada em um traje térmico cinza se ergueu. Seu rosto estava coberto de fuligem e cinzas. Ela segurava uma pistola sinalizadora com as duas mãos, apontando na direção de Jim. Ela tremia, e a arma tremia junto. — Eu disse pra ir embora.

— Abaixei a pistola, moça. Isso não vai ajudar. Deixa que eu ajudo. — A voz de Raynor era calma e tranquilizadora, e ele podia ver que a mulher começava a se acalmar. Ela começou a baixar a arma.

— Abaixa essa arma, minha senhora! — gritou T-Bone, e ela ergueu a arma outra vez.

— Cala a boca, meliante! — gritou Raynor, e se virou para a mulher. — Meu nome é Jim Raynor. Eu sou delegado confederado em missão de transporte de prisioneiros. Eles estão sob minha custódia. Agora me diga o que aconteceu.

A mulher baixou a pistola outra vez. — Desculpe. Eu... ah, Deus... me desculpe. — Ela começou a chorar. Raynor se aproximou dela.

— Tudo bem. Você está segura agora. Está tudo bem. Me diga o que aconteceu.

— Feitores de escravos. A gangue do Mazor. Nós estávamos fazendo pesquisa de campo. Eles... eles passaram por cima da gente. Atiraram no transporte. Não poupamos ninguém. Eu me escondi. Eles descobriram nosso acampamento. Eles... por favor, delegado, eles estão indo pro nosso acampamento. Nossas famílias estão lá, você precisa impedir.

— Acalme-se. Olha, eu não posso simplesmente deixar você aqui.

— Como não??! — gritou T-Bone.

Raynor se aproximou mais. — Me desculpe por eles. Você está a salvo. Venha aqui.

A cientista saiu de trás dos cristais. — Não estou, não. Nenhum de nós está. Eles já mataram meus colegas. Não deixe eles mataram os outros... tem crianças lá.

— Crianças?

— Nós... toda a nossa comunidade veio. Foi a única maneira de conseguirmos vir para cá.

— Ah, cacete. Por que vocês fizeram isso? Eu não posso deixar você aqui.

— Me dê uma arma e eu me escondo. Posso dar as coordenadas do acampamento pra você.

Mas vá logo. Pelo menos tire eles de lá. Por favor, não vou aguentar se eles forem capturados. É o pessoal do Mazor... Você sabe do que ele é capaz. Você sabe!

Raynor suspirou. Ele queria chamar reforços. Queria chamar um batalhão de soldados e chacinar Mazor e seu bando de monstros. Ele queria ir para casa, para Liddy.

— Delegado, vamos embora daqui! Por favor! — gritou Rodney.

Mas Jim já tinha tomado uma decisão. Ele não tinha escolha, na verdade. Desde que ganhara uma segunda chance, desde que se mudara para Mar Sara e abandonara sua vida antiga para começar uma nova, sentia a compulsão de tentar compensar de alguma forma seus erros pregressos. Acreditava poder se redimir por sua vida antiga se fizesse a coisa certa. Aquela era a

coisa certa a fazer, por mais que doesse. Ele abriu a mala da moto e pegou um rifle, um manto de camuflagem que, ao ser ativado, assumia a aparência do terreno em volta e enganava de longe e algumas rações, do tipo que comera na noite anterior. Entregou tudo à mulher.

— Fique com ele. Se esconda. Se alguém chegar muito perto, você tem uma arma.

— Cê tá de sacanagem! — gritou T-Bone. — Eu não vou virar escravo. Não, não e não.

— A gente nem sabe quantos são.

— Depois morre e não sabe por quê. Ninguém tá nem aí pra um herói morto, Raynor.

Mas Jim já estava montando no Abutre. — Eu vou voltar pra pegar a senhora, moça — disse ele, e acelerou.

A navegação manual o levou mais para dentro do Desfiladeiro do Julgamento, na direção das coordenadas que a cientista lhe dera. Quanto mais perto ele chegava, mais seu estômago se contraía de tensão. Ouviu a voz melodiosa de Liddy quando saiu de casa na direção da encruzilhada, dizendo: "Volta logo, viu. É pra voltar inteiro!"

Raynor parou a moto no topo de um despenhadeiro, desmontou, deitou-se de barriga para baixo feito um lagarto e pegou os binóculos. As coordenadas do acampamento piscaram na lente em verde e o foco se fechou num ponto do horizonte, com zoom ampliado 100x. Raynor viu a base: era em formato circular, com um scanner no topo, cercada por vários depósitos de suprimento. Olhou para a direita, procurando movimentação, alguma coisa que indicasse a segurança dos habitantes (ou sua situação de risco). Foi quando viu uma fileira de Abutres personalizados pintados de preto. Muitos tinham crânios dependurados. Um cubo-prisão modificado fora acoplado a um deles. Dentro, Raynor viu dois vultos magros. Não dava para saber se eram homens ou mulheres. Para ele, pareciam apenas ossos tentando romper pele ressequida e esticada. Deviam estar presos há muito tempo. Não eram os cientistas, eram outros pobres coitados.

— Praga.

— Cê tá vendo eles, delegado? — perguntou T-Bone.

— Calaboca. Quer atrair a atenção deles? — retorquiu Raynor.

— Ai, então ele já viu eles. Aahhh, droga... — choramingou Rodney.

Raynor continuou observando. Onde estavam eles? E as crianças? Então viu um grupo de homens e mulheres em fila, com as mãos na cabeça, sendo obrigados a marchar por um homem de moicano vermelho, usando calça preta e jaqueta de couro sobre o peito nu, coberto

de tatuagens. Ele tinha um colar de tachinhas e piercing no nariz. O estômago de Raynor se contraiu mais... era a gangue do Mazor.

Ele continuou observando e viu mais deles. Dez no total. Fácil. Todos armados. Percebeu que as crianças eram separadas dos pais e levadas a outra fila.

— Saco — grunhiu Raynor. Ele estava em menor número, com menos armas e a 160 quilômetros do seu trajeto. Ninguém iria procurá-lo ali. Olhou pelos binóculos, dando zoom em um adolescente que era puxado para a outra fila de crianças, com mais três. Ergueu os binóculos e encontrou um rosto que já vira milhares de vezes em cartazes de "procura-se", em videomensagens e relatórios da polícia interplanetária. Era o Mazor em pessoa. Careca, com barba branca, musculoso e um implante ótico vermelho brilhante.

— Ora, ora. — Uma torrente de pensamentos passou pela cabeça de Raynor, mas tudo se resumia a um só. Ele ia ter filho. Ele seria responsável por uma vida em um mundo em que havia gente como Mazor.

— Eles estão lá? — perguntou Marduke.

— Estão.

— Não. Não. Não! — choramingou Rodney.

— Então, como vai ser, delegado? — perguntou T-Bone. — Cê vai chamar a polícia quando a gente sair da encruzilhada?"

— Delegado, olha ali! — Era Marduke. Raynor tirou os olhos dos binóculos e se virou a tempo de ver um batedor da gangue do Mazor correndo pela ravina. Viu o clarão do sol nos óculos quando o batedor olhou para ele.

— Praga. — Jim correu de volta para a moto e começou a girar os dials. — Tenho que bloquear a comunicação dele. Anda... anda... pronto! — Uma frequência alta guinchou. A conexão foi feita e os dispositivos de comunicação do batedor foram incapacitados. Raynor pegou o rifle da traseira do Abutre e foi até a beirada do penhasco.

Olhando pelas lentes do rifle, ele deu zoom. A moto se distanciava mais a cada segundo, avançando. Ele respirou fundo, travou o alvo — detestava que aquela fosse a única saída — e apertou o gatilho com decisão.

O rifle estrondou feito um trovão e o batedor caiu da moto, que saiu derrapando. Um bom tiro. Teria deixado Tychus orgulhoso nos dias de banditismo de Raynor. Um tiro que Ryk Kydd, sniper do seu batalhão, poderia ter dado. Mas havia um problema. "O batedor não vai voltar, e eles vão vir procurá-lo", pensou Jim. Isso complicava as coisas. Ele tinha que agir, e já. Um batedor morto, alguns feitores de escravos levando as crianças, outros indo executar os cientistas e três condenados apertados feito sardinhas no cubo-prisão. Ele estava em menor número e com menos armas.

Raynor foi até o cubo-prisão. Ele olhou direto para Marduke Saul. — Você sabe usar metralhadora?

— Dá pro gasto — respondeu Marduke, com um sorriso sacana.

— E você, boca de matraca? Sabe usar uma metralhadora ou um rifle? — Raynor olhou para T-Bone.

— O que você acha?

— E você, Rodney? Já disparou uma arma?

— Eu... bem...

— Ele nunca deu um tiro — interrompeu T-Bone.

— Dei, sim. Claro que já dei — respondeu Rodney.

Raynor se voltou para o cânion. Uma rajada de vento soprou do vale em seu rosto. Era frio e seco ao sol, e o clima lhe fez pensar na época que passou em Shiloh. Ele olhou para o cubo outra vez.

— E se a gente fizesse um acordo? Tem dez meliantes casca-grossa lá embaixo pegando cientistas e crianças pra escravizar, ou coisa pior. Logo, logo eles vão vir atrás do batedor... Só que eu estou sozinho e não vou conseguir enfrentar todos eles.

— É isso aí — disse T-Bone, interrompendo Jim. — Com todo o respeito, seu delegado, o senhor tá bem lascado.

— Mas tem vocês três aí e uma mala cheia de armas no meu Abutre. Minas-aranha e mais um monte de brinquedo.

— O que é isso, seu delegado, vai dar arma na mão de bandido agora?

— Sei que é chocante, Smalls. E por falar em chocante... eu tenho esse bracelete aqui com seis botões que machucam pra burro quando eu aperto. Pergunta só pro Marduke. E eles podem incapacitar vocês pra sempre. Então acho que vai ficar tudo bem.

— E por que que a gente tem que te ajudar mesmo? — perguntou Small, aproximando-se das barras.

— Eu posso recomendar vocês em El Indio. Ajudar um delegado confederado numa situação dessas pode dar uma moral pra vocês com o diretor de lá.

— Ou fazer a gente ser assassinado pelos detentos — zombou Marduke.

Raynor sabia que ele tinha razão. Aquele tipo de conversa não ia adiantar nada. Pensou em seus dias de criminoso. Uma vida fugindo, que lhe parecera romântica no começo, mas que depois saíra do controle, tornando-se uma espiral inescapável de remorso. Até que um juiz de Mar Sara, que conhecia Jim de quando ele era jovem, viu alguma coisa nele, lhe deu esperança e fez uma oferta que mudou sua vida... o juiz o tornou um delegado confederado e ele deu adeus à vida de crimes.

— Ok, grandão. — Raynor se aproximou, pressionado pelo tempo que se esgotava. Ele tinha que agir rápido. — Você já quis se redimir alguma vez?

— Que nem você se redimiou? — interrompeu T-Bone. — Algum figurão "esquecendo" a sua folha corrida e te perdoando?

— Isso mesmo... Vocês me ajudam a salvar as vidas dessas pessoas. Eu finjo que fomos atacados por saqueadores e vocês fugiram.

— Então deixa eu ver se eu entendi. — Marduke se aproximou. — Nós ajudamos você e você nos deixa escapar?

— Parece justo. Que nem a segunda chance que eu tive.

— Cê vai soltar esse assassino? — T-Bone fez uma careta para Marduke. — Cê sabe o que ele fez?

— Bom, eu aceito — disse Rodney. — Pode acreditar. Eu aceito. Uma chance de não ir pra El Indio? Tô dentro.

— Bom... eu não tenho nada a perder mesmo. Tudo bem. — T-Bone sorriu.

— E você, grandão?

Marduke disse: — E eu posso confiar?

— É isso aí.

— Por que eu confiaria?

— Porque tudo que um homem tem nessa vida é sua palavra, Marduke. E eu estou dando a minha. — Raynor olhou o assassino no olho. — Se eu disse que você pode confiar em mim, é porque pode.

— Você sabe quantos homens já me deram a palavra, Raynor? Ninguém honrou nada... Minha vida teria sido diferente se tivessem honrado. Eu confiei em um homem, e ele acabou matando meus pais. Eu confiei em um homem, e ele me levou pro vício em esteroides. Eu confiei em um homem, e acabei entrando numa família de assassinos condenados. Minha vida está assim porque eu confiei na palavra das pessoas, delegado. Eu bem queria viver em um mundo em que os homens honrassem a palavra dada.

— Você tem a minha. — Raynor insistiu: — Você não quer ter uma segunda chance?

— Acho que gente que nem eu não tem direito a uma segunda chance.

— Eu pensava assim também — disse Raynor. — Eu não tenho mais nada para oferecer. A pergunta é: você vai aceitar?

Marduke baixou a cabeça. Ele pensava e pensava, pesando as opções. Finalmente, disse: — Eu vou confiar na sua palavra, Raynor. Se você não cumprir, bom... não vou ficar surpreso, mas... Que inferno. Tudo bem. Eu nunca gostei de feitor mesmo.

— Então parece que vamos mandar uns feitores pra debaixo da terra, rapaziada. — Raynor apertou dois botões no bracelete e as barras do cubo deixaram de brilhar. Apertou outro botão e as barras na traseira do cubo se ergueram. Abriu um compartimento no Abutre e começou a tirar as armas. Duas metralhadoras e um rifle gauss. Debaixo delas, uma maleta verde de minas-aranha.

— Olha só essas belezinhas — disse T-Bone. — Eu fico com o gauss.

— Neca. Esse aí foi feito pra mim. — E sem hesitar, Marduke pegou o gauss.

— Eu tenho um plano — disse Raynor.

Os quatro caminhavam em silêncio, aproximando-se do depósito de suprimentos mais ao sul. Do lado de fora, dois homens de Mazor vasculhavam os contêineres procurando coisas para saquear e jogando no chão o que não interessava. Os dois estavam de preto e tinham cabelo colorido e brincos. Pareciam ser contra se barbear.

Raynor e os condenados encostaram na traseira do depósito. Jim fez sinal e Marduke e T-Bone foram para o outro lado. Raynor e Rodney avançaram. Sem que Rodney estivesse preparado, Raynor avançou correndo na direção dos bandidos, erguendo a coronha do rifle. Antes que percebessem sua presença, ele golpeou forte com a coronha, atingindo a testa de um deles e produzindo um som alto como um martelo hidráulico quebrando pedra.

O feitor desabou para trás, sua testa agora uma fonte de sangue. O outro pegou a pistola e a apontou para Rodney, ainda visivelmente despreparado. Antes que ele apertasse o gatilho, Marduke apareceu ao seu lado, ergueu-o num mata-leão com o braço direito e tapou sua boca com a mão.

— Traz ele pra cá. — Raynor arrastou o sujeito inconsciente pelos pés para trás do depósito de suprimentos e Marduke o seguiu, levando o outro bandido, que se contorcia com toda a força sem conseguir se livrar dos braços do condenado gigante. Atrás do prédio, Marduke o largou e deu-lhe um soco fortíssimo no queixo, derrubando-o e fazendo-o cuspir sangue. Raynor se agachou e, segurando o queixo do bandido, perguntou:

— Pra onde levaram as crianças e o resto do pessoal?

A cabeça do fora da lei girou frouxamente para a esquerda. Então ele sorriu: um sorriso de palhaço com a boca pintada de sangue. — Um delegado confederado. Isso, sim, é uma boa presa. Cê vai valer um dinheirão.

Raynor esmurrou a cara do bandido com toda a força. Já dobrara muitos homens antes, e aquele ali não ia se sair melhor que os outros. Encostou o rifle na têmpora dele.

— Está no modo silenciador. Você sabe que eu posso executar bandido à vontade aqui no deserto, não sabe?

— Tô nem aí. Vão levar as crianças pro leilão. Os cientistas... bom, eles vão pra vala.

— Cientista não vale tanto quanto criança — disse T-Bone, cuspiendo.

— Seu ajudante disse tudo — respondeu o fora da lei. Então ele se voltou para Rodney e abriu ainda mais o sorriso. — Tá vendo esse aqui? Ele é fraco e vai ferrar com vocês.

O bandido levantou feito um raio e avançou para a arma de Rodney. Antes que ele a alcançasse, Marduke abriu um buraco na cabeça dele com o gauss.

— Ai, droga. Eles devem ter ouvido isso — lamentou Rodney.

— Então vamos pra cima deles. Marduke, você e Smalls vão atrás das crianças. Sigam os rastros a leste. Eles ainda não saíram do acampamento. Rodney, você vem comigo. Não vamos deixar que matem os cientistas. E não esqueçam: o sinal dessas tornozeleiras vai longe.

— Homem de pouca fé. — T-Bone sorriu e disse para Marduke: — Vamos lá, grandão. Vamos salvar essas crianças.

Jim e Rodney se agacharam e seguiram rente à parede do depósito, indo em direção aos fundos do acampamento. Acompanhavam o longo rastro de pegadas das vítimas e dos seus captores. Então começaram a ouvir vozes mais adiante, atrás da central de comando. Estavam chegando perto. Os dois correram até uma parede protegida pela sombra de um disco de sonar, devagar, deram uma olhada da esquina do prédio.

— Praga — murmurou Raynor, puxando Rodney pela gola da camisa até o chão. — Fique abaixado. Eles... eles estão fazendo os cientistas cavarem a própria cova.

Ele estava vendo os cientistas. Seis deles, cavando uma vala comum. No chão jazia um sétimo, morto com um tiro na cabeça. O sangue formava uma poça ao redor dele. Atrás dos cientistas estavam Mazor e três capangas.

Raynor pegou a bolsa com as minas-aranha e a colocou no chão. — Ok, a gente planta essas minas e atrai eles pra cá. Quando eu der o sinal, você libera a trava de ativação. Entendeu?

Raynor foi pego de surpresa.

Quando ele foi se virar para falar com Rodney, a coronha de uma arma atingiu seu rosto e ele desabou no chão. Não conseguia abrir os olhos, por mais que tentasse. Não conseguia ouvir nada. Tudo se afogava em um zumbido agudo que parecia perfurar a base do seu crânio. Ele estava cercado? Mazor era melhor estrategista que ele e deixara um batedor para trás? Finalmente, com toda a força de que dispunha, conseguiu abrir os olhos.

De pé ao seu lado, Rodney o empurrou e agarrou a bolsa de minas-aranha.

— Isso aqui vai render uns créditos. — Rodney olhou para Raynor e viu que ele tinha aberto os olhos e tateava desesperadamente o ar. — Ara, delegado — sussurrou ele. — Cê não sabe que as pessoas não mudam? Eu sou um condenado, esqueceu, seu idiota? — e, dizendo isso, pisoteou o nariz de Jim com toda a força. Raynor apagou.

Marduke e T-Bone seguiram os rastros. Passaram pelos depósitos de suprimento e chegaram aonde as motos da gangue de Mazor estavam enfileiradas, perto das torres condutoras de umidade. Ouvindo vozes próximas, eles se arrastaram no chão, aproximando-se lentamente. Marduke já abordara muitas vítimas assim, eliminando-as antes de ser visto. Fizera isso de muitas maneiras: com lâmina, com pistola e, vez por outra, quando pressionado, com as mãos.

Era o jeito de que menos gostava. Era lento e dava trabalho, e ele só relaxava quando o último suspiro abandonava os pulmões da vítima.

No começo, as mortes tinham incomodado, ficado na sua cabeça. As lembranças apareciam à noite, ou quando ele ficava sozinho sem nada para distraí-lo. Até que um dia Marduke parou de se importar, e depois disso nem sequer piscava ao cometer o ato. Isso era mais assustador, mais preocupante que todas as lembranças ruins juntas. Agora tinha se cansado daquilo. Matar, espreitar. No final, acabou encarando a pena em El Indio como uma bênção. Nenhum dos seus velhos camaradas iria atrás dele para requisitar seus serviços. Sabiam que estava acabado.

"Mas e se?", pensou. E se pudesse recomeçar? E se todos achassem que tinha morrido ou se perdido na encruzilhada? Então talvez... talvez Raynor tivesse razão. Talvez houvesse esperança para alguém perdido como ele. Mas, antes, tinha que cumprir sua parte. Seus dias de assassinato ainda não haviam chegado ao fim. Pelo menos agora suas vítimas mereciam o que as aguardava. Elas nem iam saber o que tinha acontecido.

Marduke e T-Bone rastejaram até a base das torres condutoras de umidade, cujas pás giravam lentamente na pouca brisa do deserto. Do outro lado, a gangue do Mazor estava colocando as crianças no cubo-prisão. Era um modelo mais velho, e as barreiras de contenção estavam enferrujadas, ásperas e cortantes por conta da ação do deserto. As crianças estavam em choque, os rostos congelados em expressões de medo e preocupação.

Uma pá da torre condutora de umidade girou uma última vez, lentamente, chiando. Marduke se voltou para Smalls e gritou: — Agora!

Marduke Saul se ergueu e avançou, disparando com o rifle gauss. O zumbido agudo dos cravos supersônicos rasgando carne e osso era ensurdecidor. T-Bone o seguiu, disparando rajadas concentradas no grupo. As crianças correram gritando, algumas se jogando no chão, outras se escondendo atrás do cubo. A gangue do Mazor não teve a menor chance. Marduke sabia o que fazia e tinha a vantagem do elemento surpresa. O confronto acabou tão rápido quanto começou, como acontece em embates com armamento moderno. O corpo humano não foi feito para suportar cravos disparados em velocidade supersônica, e nem uma boa armadura era páreo para alguém que sabia onde mirar.

Por um instante, Marduke observou a cena sangrenta que produzira. Olhou por um bom tempo para as crianças apavoradas que se escondiam atrás do que estava à mão — os Abutres, o cubo-prisão. Suas lágrimas eram um misto de alívio, incerteza e terror. Aqueles homens tinham vindo sequestrá-las ou salvá-las? Marduke compreendeu. Ele viu o medo delas e percebeu que elas não sabiam o que estava acontecendo.

— Venham aqui, crianças. A gente não morde... a não ser que as meninas gostem. — T-Bone olhava para uma das moças mais velhas, talvez de dezesseis anos, uma loira bonita.

— Cala a boca, Smalls. Cala a boca ou eu vou arrancar seu maxilar. — Marduke olhou para T-Bone Smalls com uma expressão fria e ameaçadora. Então se virou para as crianças. — Vocês

vão ficar bem, tá? Vai ficar tudo bem. Era difícil acreditar naquilo com tanto sangue e morte à volta delas.

— Ah, poxa, grandão. Eu tava brincando. Eu nem encostaria nelas. Bom, talvez naquela ali.

Sem hesitar, Marduke ergueu T-Bone pela garganta e o susteve no ar. — Eu falei pra calar a boca, não falei?

T-Bone engasgou, largando a metralhadora e usando as duas mãos para tentar escapar de Marduke. Ele finalmente conseguiu sussurrar: — Tá certo. Larga.

— Pessoal! Parem com isso.

Marduke se virou e viu Rodney segurando o bracelete de Raynor. — Bota ele no chão. A gente tá livre. Vamos nos mandar daqui.

Marduke desceu Smalls e o soltou. — O que aconteceu com o delegado?

Rodney sorriu. — Quem mandou ele confiar nos outros? — Então ele apertou um botão do bracelete e as tornozeleiras se abriram e caíram no chão. — Que se dane ele. Cês acham que ele ia deixar a gente ir embora? Uma pinoia que ia. A gente tem as motos. A gente tem até os crachás dos cientistas que morreram. Vamos embora antes que o pessoal do Mazor venha atrás da gente.

T-Bone riu, tomado pela hilaridade daquilo tudo e pelo alívio de estar livre. Nada de El Indio, nada de passar sufoco. — "Quem mandou ele confiar nos outros?" Eita, ferro. Bom trabalho, tampinha. E eu aqui achando que cê era um santinho.

— Ele tá vivo? — perguntou Marduke.

— Quem? — respondeu Rodney.

— O delegado.

— Acho que não. Eu bati bem forte. — Rodney foi na direção das motos. As crianças pressentiram o perigo e se encolheram juntas perto do cubo-prisão.

— Eu gosto dessa coisinha linda aqui. Ela não é linda, Rodney? — T-Bone lançou outro olhar lascivo para garota loira. Ela entrou no cubo-prisão e tentou se esconder atrás das barras.

Marduke ficou observando os criminosos, homens como ele, com passados sórdidos e sem moralidade. Ele passara a vida inteira ao lado de homens assim. Naquele instante, ouviu a voz de Raynor ecoar na sua cabeça: "Tudo que um homem tem nessa vida é sua palavra, Marduke. E eu estou dando a minha."

— T-Bone! — gritou ele.

Smalls se virou e Marduke deu-lhe um soco no rosto com ímpeto violento e decisivo, derrubando-o no chão

— Mas o que cê tá... — Mas Rodney não conseguiu terminar a frase. Marduke acertou-lhe um soco no nariz, e ele caiu já desacordado.

As crianças observaram tudo, confusas. Tinham visto mais violência na última hora do que em toda a sua vida. Nada daquilo fazia sentido para elas.

— Olha só o que a gente pescou: um delegado confederado de verdade. Mazor olhou para Raynor com um sorriso sádico repleto de dentes dourados. Seu olho cibernético deu zoom, chiando.

Raynor piscou e abriu os olhos aos poucos. Suas pálpebras estavam coladas de sangue seco. Seu rosto doía. Doía muito. Estava inchando feito um balão. Mal conseguia ver o homem que olhava para ele em meio ao sangue e à desorientação que sentia. Quando sua vista finalmente se firmou, ele disse apenas: — Mazor.

O sorriso de Mazor faiscou ao sol. Ele se virou para os dois comparsas atrás de si e disse: — Olha só isso, rapaziada. Eu sou famoso.

— Bandido famoso. — Raynor tossiu. Sangue desceu por sua garganta.

— E isso é ruim agora? Anda, levanta logo. — Mazor baixou a metralhadora até o rosto de Raynor.

Jim olhou para o cano da arma. Então era assim que terminava. Indo atrás da esperança idiota de um dia vir a se tornar um homem melhor do que realmente era. Sua própria culpa o tinha arrastado até ali. Seu desejo idiota de compensar os feitos do homem que fora, de confiar no potencial de outros homens que talvez pudessem se redimir. Coisa de criança. Imbecil ingênuo. E agora ia pagar por isso. Liddy ia pagar por isso, e seu filho também.

— Praga. — Raynor se forçou a se levantar. Ele tentou se empertigar para poder olhar Mazor no olho. Não ia dar ao meliante a satisfação de matá-lo de joelhos, ou de pedir misericórdia. Se era assim que ia morrer, que fosse com dignidade.

Mazor o encarou. Os servomotores do olho cibernético chiaram enquanto ajustava a visão. — Quero te mostrar uma coisa. Vira de costas.

— Não — disse Raynor.

— Não?

— Se você vai me matar, me mata olhando no olho.

Foi o que Mazor fez. Seu olhar era letal. Mas então sua expressão ficou mais suave e ele sorriu, exibindo os dentes de ouro e as cáries. De repente, o sorriso desapareceu e seu rosto se

enrugou numa carranca de raiva. A metralhadora golpeou Raynor na barriga e ele caiu de joelhos, cuspiendo saliva rubra.

Raynor ouviu a cacofonia de gargalhadas dos feitores próximos. Sua barriga parecia ter sido perfurada. A metralhadora desceu até quase encostar em sua testa outra vez.

— Delegado, eu creio que seus serviços não são mais necessários em Mar Sara.

Jim fechou os olhos. Ele pensou em como tinha ido parar ali. Pensou na época de Tychus e na guerra. Queria ter feito o suficiente. Esperava que, no fim, tivesse feito o suficiente para ser lembrado como um homem bom. Esperava que Liddy pensasse nele como um homem bom ao falar para o filho do pai. Ele respirou fundo e se preparou para o fim.

Então ele ouviu o barulho de balas hipersônicas rasgando carne. Seus olhos se abriram. Mazor estava morto junto com os outros dois feitores. As balas zuniam no ar. Os outros feitores se afastavam correndo, mas eram atingidos e dilacerados por uma torrente de aço. Raynor ficou no chão, protegendo-se como podia. A poeira subia ao seu redor, e ele não conseguia mais ver nada. Só ouvia os gritos de homens se esvaindo em sangue e o ratatá alto e letal dos disparos.

Depois de uma eternidade, os tiros pararam. No silêncio, a poeira assentou, e Raynor pôde ver o olho de Mazor, sem vida. O implante cibernético ainda estava ativo, e a íris abria e fechava como se em espasmos de morte. Raynor pegou sua arma e começou a avançar rastejando,

tentando se esconder entre as nuvens de poeira. Ele não sabia quem estava atirando e não sabia se seria considerado amigo ou inimigo.

— Delegado? — gritou uma voz. — Delegado, está tudo limpo.

Raynor conhecia aquela voz.

— Marduke? — sussurrou, e então falou mais alto. — Saul, é você?

— Eu honrei minha palavra, delegado.

Raynor finalmente o viu, um vulto ondulante atrás da cortina de areia, uma silhueta musculosa contra os tons do crepúsculo próximo. Jim tentou se levantar, mas uma dor aguda no estômago o forçou a se dobrar. Corpos espalhados por toda a parte, estilhaçados além de qualquer possibilidade de identificação. "Jeito estranho de conseguir redenção", pensou Jim. Depois de algum tempo, ainda tonto, com a visão borrada, conseguiu se levantar.

Marduke continuou, devolvendo o rifle gauss a Jim: — O que eu quero saber é se você vai honrar a sua.

Raynor estava quase saindo da Encruzilhada da Perdição quando a ficha terminou de cair. Ele tinha ido buscar a cientista no Desfiladeiro do Julgamento e a levava ao acampamento. Ajudou-

a a enterrar os corpos. Ele sabia que as crianças jamais esqueceriam aquele dia. Que elas teriam pesadelos por anos ainda. Mas também sabia que elas se lembrariam do que ele tinha feito e, mais importante, do que Marduke tinha feito, e esperava que olhassem mais por esse lado e pensassem que havia gente disposta a enfrentar a escuridão da vida. Então os scanners voltaram a funcionar e o comunicador do Abutre estalou com as transmissões dos caminhões de mineração, módulos de transporte e conversa fiada dos caipiras locais. El Indio estava a apenas 320 quilômetros. Ele chegaria lá em pouco tempo.

Não estava levando a carga esperada. Havia apenas dois prisioneiros no cubo: T-Bone Smalls e Rodney Oseen. Marduke Saul, o assassino, morreu no ataque da gangue do Mazor. Saul e o resto dos bandidos foram enterrados com alguns pobres cientistas na vala comum que tiveram que cavar.

Pelo menos essa era a história que ele repassava na cabeça, preparando-se para contá-la. Na verdade, Saul partira. Jim cumpriu a promessa e libertou Marduke, que agora poderia começar uma vida nova com esperanças renovadas. Ele ganhara a chance de ser qualquer coisa que quisesse.

O vento zunia em seus ouvidos. Raynor cruzou a demarcação oficial dos limites do deserto e se perguntou se tinha feito a coisa certa. Ele imaginou Marduke atravessando a Encruzilhada da Perdição em uma das motos da gangue do Mazor, indo em direção ao sol poente, como Jim também ia. Com sorte, sua vida seria passada a limpo. Jim se perguntou se isso era possível. Será que sua própria vida seria passada a limpo? Não sabia. Só sabia que gostava de acreditar

que sim. Ia voltar para Liddy, para o bebê, para uma vida digna que jamais se imaginara tendo. Ele gostava de saber disso. Gostava mesmo.

FIM